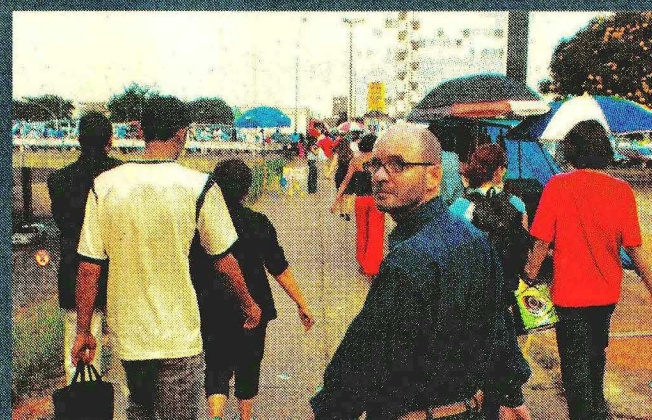




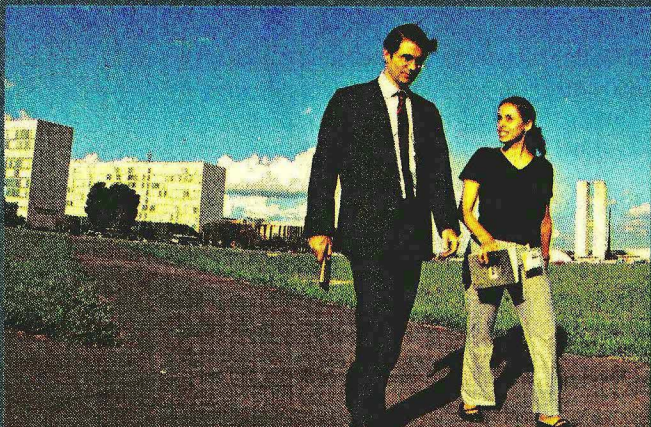
CRISTOVÃO TEZZA



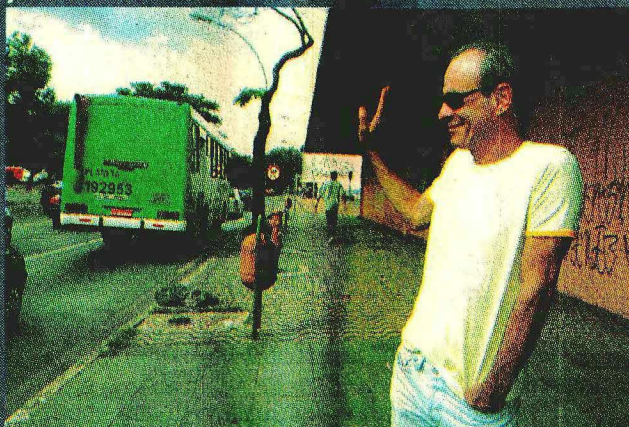
JOSÉ EDUARDO AGUALUSA



LUIZ RUFFATO



JOÃO MOREIRA SALLES E RAQUEL ZANGRANDI



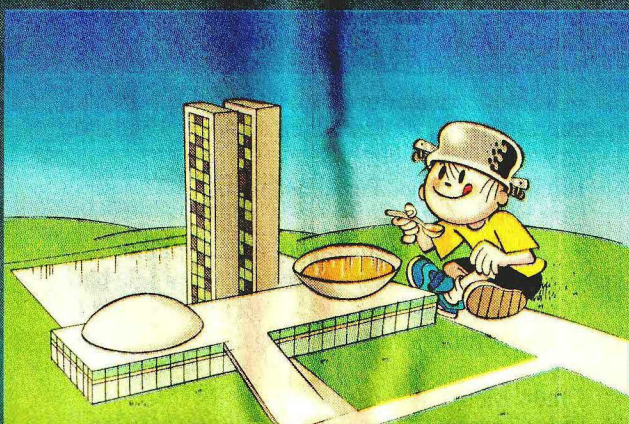
NEY MATOGROSSO



MARISA ORTH



JORGE FURTADO



ZIRALDO



LETICIA WIERZCHOWSKI

NOVE VISÕES DE BRASÍLIA

Pelo quarto ano consecutivo, o **Correio Braziliense** convidou escritores e artistas de outras áreas para permanecer em Brasília por uns dias. Único compromisso, realizado da maneira mais livre possível: deixar-se impregnar pela atmosfera brasiliense a fim de escrever, desenhar ou fotografar o espaço inventado em pleno Planalto Central há 45 anos. Cinco escritores aterrissaram na cidade planejada por Lucio Costa e adornada por Oscar Niemeyer. O primeiro foi **Luiz Ruffato**, que usou a experiência como jornalista para contrapor o Plano Piloto às cidades do Distrito Federal em fragmentos que lhe são bem característicos e que recebem cada vez mais elogios da crítica especializada. Em seguida, a gaúcha **Leticia Wierzchowski**. A autora de *A casa das sete mulheres* encontrou uma mulher e uma saga. Sentiu-se, portanto, em casa. Da África veio o primeiro convidado internacional do projeto, o angolano **José Eduardo Agualusa**. “Confesso uma coisa: eu tinha um certo preconceito. Vim antes e não gostei – o costume: a falta de passeios e barzinhos de esquina etc. Agora, porém, gostei muito. Saio gostando de Brasília.” Quem também se divertiu na cidade foi o catarinense radicado em Curitiba **Cristovão Tezza**, um dos principais nomes da literatura brasileira contemporânea. “Foi uma viagem saborosa, muito boa mesmo.” Já **Ziraldo** colocou o Menino Maluquinho para sonhar na Esplanada. O resultado dessa incursão inocente, você confere adiante. Quatro criadores de outras áreas da cultura também trouxeram seu olhar “estrangeiro” para perceber Brasília. O documentarista **João Moreira Salles** veio acompanhado da produtora Raquel Zangrandi. Os dois se dividiram na tarefa de ouvir o que a cidade tinha para contar. “Gosto muito de Joseph Mitchell, um repórter que escrevia na revista *New Yorker*. Um dos perfis clássicos que escreveu conta a história de um mendigo que andava por Nova York registrando o que ouvia pelas ruas. Talvez a idéia tenha vindo daí. Ou talvez de uma conversa recente com Eduardo Coutinho, que me disse que acharia fascinante assistir a um filme sobre o que é dito em Brasília”, explica Salles. Esse “filme” abre o caderno 4+5. O cantor **Ney Matogrosso** revisitou os lugares onde morou quando jovem. Refez um passeio a pé pela W3, quarenta anos depois. E deu seu depoimento sobre a Brasília vivida na década de 1960, a cidade visitada ao longo do tempo e a capital de hoje, tão diferente e ainda “tão linda”. O cineasta **Jorge Furtado** pensou em fazer uma brincadeira com uma página de classificados de jornal tendo o Conic como base. Acabou sendo seduzido pelas reentrâncias do mesmo lugar, que fotografou incessantemente e onde comprou vários livros, discos e camisetas. Optou por retratá-lo numa curiosa história de amor — em palavras e imagens. A atriz **Marisa Orth** cruzou com Furtado em um restaurante da cidade para em seguida conhecer uma repartição pública. Descobriu outro lado do funcionalismo, muito distante da série de tevê *Os aspones*. Se divertiu e fez muita gente dar risada. Os nove novos olhares sobre Brasília notaram, muitas vezes, o que o dia-a-dia não consegue delinear com precisão. Além disso, a distância forneceu outras faces de uma quarentona que se deixa remodelar com o passar do tempo. Um lugar que acolheu seus visitantes com carinho, sem pedidos de cumplicidade, e que espera vê-los de volta em breve.